

**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**
A FALTA QUE AMA

POSFÁCIO

Marlene de Castro Correia

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Raul Loureiro/ Claudia Warrak
sobre *Anywhere is my land*, de Antonio Dias,
acrílica sobre tela, 130 × 195 cm, 1968. Coleção particular.

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Regina Souza Vieira

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Jaime Azenha

REVISÃO

Huendel Viana

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

A falta que ama/ Carlos Drummond de Andrade;
posfácio Marlene de Castro Correia — 1ª ed. — São Paulo:
Companhia das Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2570-8

I. Poesia brasileira I. Correia, Marlene de Castro.

II. Título.

15-02023

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

I. Poesia: Literatura brasileira 869.91

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

- 9 Discurso
- 10 O deus mal informado
- 11 A falta que ama
- 13 Liberdade
- 14 A voz
- 15 Qualquer tempo
- 16 Diálogo
- 17 Broto
- 19 Elegia transitiva
- 21 O fim no começo
- 22 Acontecimento
- 23 Comentário
- 24 Meu irmão pensado em Roma
- 25 Halley
- 26 Sub
- 27 Comunhão
- 28 Bens e vária fortuna do padre
Manuel Rodrigues, inconfidente
- 30 O par libertado
- 32 K.
- 34 Os nomes mágicos
- 35 Notícia de Segall
- 37 Criação
- 38 Maud
- 40 Corporal
- 41 Falta pouco
- 42 Cantilena prévia
- 44 Tu? Eu?
- 47 A torre sem degraus

- 51 Posfácio
Bens e vária fortuna de A falta que ama,
MARLENE DE CASTRO CORREIA
- 69 Leituras recomendadas
- 70 Cronologia
- 76 Crédito das imagens
- 77 Índice de títulos e primeiros versos

DISCURSO

Eternidade:
os morituros te saúdam.

Valeu a pena farejar-te
na traça dos livros
e nos chamados instantes inesquecíveis.

Agônico
em êxtase
em pânico
em paz
o mundo-de-cada-um dilata-se até as lindes
do acabamento perfeito.

Eternidade:
existe a palavra,
deixa-se possuir, na treva tensa.

Incomunicável
o que deciframos de ti
e nem a nós mesmos confessamos.

Teu sorriso não era de fraude.
Não cintilas como é costume dos astros.
Não és responsável pelo que bordam em tua corola
os passageiros da presiganga.

Eternidade,
os morituros te beijaram.

O DEUS MAL INFORMADO

No caminho onde pisou um deus
há tanto tempo que o tempo não lembra
resta o sonho dos pés
sem peso
sem desenho.

Quem passe ali, na fração de segundo,
em deus se erige, insciente, deus faminto,
saudoso de existência.

Vai seguindo em demanda de seu rastro,
é um tremor radioso, uma opulência
de impossíveis, casulos do possível.

Mas a estrada se parte, se milparte,
a seta não aponta
destino algum, e o traço ausente
ao homem torna homem, novamente.

A FALTA QUE AMA

Entre areia, sol e grama
o que se esquivava se dá,
enquanto a falta que ama
procura alguém que não há.

Está coberto de terra,
fornado de esquecimento.
Onde a vista mais se aferra,
a dália é toda cimento.

A transparência da hora
corrói ângulos obscuros:
cantiga que não implora
nem ri, patinando muros.

Já nem se escuta a poeira
que o gesto espalha no chão.
A vida conta-se, inteira,
em letras de conclusão.

Por que é que revoa à toa
o pensamento, na luz?
E por que nunca se escoa
o tempo, chaga sem pus?

O inseto petrificado
na concha ardente do dia
une o tédio do passado
a uma futura energia.

No solo vira semente?
Vai tudo recomeçar?
É a falta ou ele que sente
o sonho do verbo amar?

LIBERDADE

Sonho de fim de semana
sem analista
voar baixar planar
 por conta própria
águias interpretadas a teu bel-prazer
intérpretes elas mesmas
tudo se mira na lagoa
 do mundo explicado por si.

A VOZ

Uma canção cantava-se a si mesma
na rua sem foliões. Vinha no rádio?
Seu carnaval abstrato, flor de vento,
era provocação e nostalgia.

Tudo que já brincou brincava, trêmulo,
no vazio da tarde. E outros brinquedos,
futuros, se brincavam, lecionando
uma lição de festa sem motivo

à terra imotivada. E o longo esforço,
pesquisa de sinal, busca entre sombras,
marinhagem na rota do divino,

cede lugar ao que, na voz errante,
procura introduzir em nossa vida
certa canção cantada por si mesma.